



ISSN: 2595-1661

ARTIGO

Listas de conteúdos disponíveis em Portal de Periódicos CAPES

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



Automedicação na terceira idade: riscos e a importância da enfermagem no cuidado

Self-medication in old age: risks and the importance of nursing in care

DOI: 10.55892/jrg.v8i19.2474

ARK: 57118/JRG.v8i19.2474

Recebido: 21/09/2025 | Aceito: 24/09/2025 | Publicado *on-line*: 25/09/2025

Beatriz Alkimim Alves¹

<https://orcid.org/0009-0004-7380-6635>

<http://lattes.cnpq.br/1487843930833278>

Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos, DF, Brasil

E-mail: balkimim0@gmail.com

Lorrany Cristina de Araujo Santos²

<https://orcid.org/0009-0008-0938-8423>

<http://lattes.cnpq.br/9496995199279152>

Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos, DF, Brasil

E-mail: lorranycristina134@gmail.com

Walquiria Lene dos Santos³

<https://orcid.org/0000-0001-6489-5243>

<http://lattes.cnpq.br/4723603129713855>

Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos, DF, Brasil

E-mail: walquirialenedossantos@gmail.com



Resumo

Este estudo, intitulado "Automedicação na Terceira Idade: Riscos e a Importância da Enfermagem no Cuidado", tem como objetivo analisar os riscos associados ao uso indiscriminado de medicamentos entre os idosos e refletir sobre o papel da enfermagem na promoção de práticas seguras de medicação. A pesquisa foi realizada por meio de uma revisão integrativa da literatura, com levantamento de artigos publicados entre 2019 e 2025 em bases de dados relevantes, utilizando os descritores "automedicação", "idosos" e "enfermagem". A análise dos dados revelou que fatores como a falta de orientação médica, o fácil acesso aos medicamentos e a escassez de informações são determinantes para a automedicação, que pode causar sérios danos à saúde dos idosos, como interações medicamentosas e complicações de doenças preexistentes. Como conclusão, o estudo destaca a necessidade urgente de ações educativas e preventivas pela equipe de enfermagem, visando conscientizar os idosos sobre o uso racional de medicamentos e reduzir os riscos à saúde dessa população.

Palavras-chave: Automedicação. Idosos. Enfermagem.

¹ Graduanda do Curso de Enfermagem, do Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – Uniceplac.

² Graduanda do Curso de Enfermagem, do Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – Uniceplac.

³ Enfermeira, Doutoranda Universidade Católica de Brasília (UCB); Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal de Goiás (UFJ).

Abstract

This study, titled "Self-Medication in the Elderly: Risks and the Importance of Nursing Care," aims to analyze the risks associated with the indiscriminate use of medications among the elderly and reflect on the role of nursing in promoting safe medication practices. The research was conducted through an integrative literature review, gathering articles published between 2013 and 2025 in relevant databases, using the descriptors "self-medication", "elderly" and "nursing". Data analysis revealed that factors such as lack of medical guidance, easy access to medications, and a lack of information are determinants for self-medication, which can cause serious health damages, such as drug interactions and complications from pre-existing diseases. In conclusion, the study highlights the urgent need for educational and preventive actions by the nursing team, aiming to raise awareness among the elderly about rational use of medications and reduce health risks for this population.

Keywords: Self-medication. Elderly. Nursing.

1. Introdução

O envelhecimento populacional é uma realidade crescente em várias partes do mundo, incluindo o Brasil, e impõe desafios significativos aos sistemas de saúde pública (Chaimowicz; Chaimowicz, 2022). A população idosa apresenta um perfil de saúde marcado pela presença de doenças crônicas de longa duração, o que demanda monitoramento constante e cuidados contínuos. Esse cenário resulta em maiores taxas de internações e em períodos prolongados de permanência hospitalar, quando comparado a outras faixas etárias (Martins et al., 2021).

Nesse contexto, a prática da automedicação entre idosos representa um risco adicional, uma vez que pode resultar em interações entre fármacos prescritos e de venda livre, desencadear reações adversas, agravar doenças preexistentes e, em situações mais graves, culminar em internações hospitalares ou até mesmo óbitos. Diante desses riscos, torna-se fundamental a adoção de medidas que assegurem o uso racional e seguro de medicamentos nessa população, em consonância com as diretrizes da Política Nacional de Medicamentos (PNM) (Brasil, 2021).

A automedicação, cada vez mais frequente entre idosos, consiste no consumo de medicamentos sem prescrição ou em tratamentos caseiros, muitas vezes realizados sem acompanhamento profissional. Essa prática pode ser influenciada por fatores como idade, sexo, nível de escolaridade, apoio social e contexto cultural. Quando conduzida de forma consciente, pode contribuir para o alívio de sintomas leves, favorecendo a autonomia do idoso. Contudo, o uso indiscriminado de fármacos aumenta substancialmente os riscos à saúde, sobretudo diante da maior vulnerabilidade desse grupo (Ohta; Ryu; Sano, 2022).

As alterações fisiológicas próprias do envelhecimento como a redução do fluxo sanguíneo, da função hepática e da capacidade renal comprometem o metabolismo e a eliminação dos medicamentos, tornando a automedicação ainda mais arriscada. Soma-se a isso a ampla disponibilidade de produtos farmacêuticos, a crescente popularização da prática e a recomendação informal de medicamentos por amigos, familiares ou balconistas, fatores que ampliam os riscos para a saúde dos idosos (Rezende et al., 2023).

Nesse cenário, a atuação da enfermagem assume papel central no acompanhamento e na orientação dos idosos quanto ao uso seguro de medicamentos. Cabe ao profissional de enfermagem, enquanto integrante da equipe de saúde, fornecer informações claras e precisas, reduzindo riscos e potencializando

a eficácia dos tratamentos. Para tanto, é indispensável a busca constante por atualização científica acerca da automedicação na população idosa, de modo a oferecer orientações fundamentadas e adequadas. Além disso, é essencial que o enfermeiro desenvolva habilidades comunicacionais, utilizando linguagem acessível e adaptada à compreensão do idoso, a fim de garantir que as informações sejam assimiladas e aplicadas corretamente no cotidiano (Neri et al., 2019). Diante dessa realidade, a automedicação entre idosos representa um desafio significativo para a promoção da saúde, uma vez que compromete a segurança e a eficácia dos tratamentos terapêuticos. Os idosos estão mais propensos a sofrer efeitos negativos, interações entre medicamentos e o agravamento de doenças já existentes. Nesse cenário, a enfermagem exerce uma função fundamental ao fornecer orientações e prevenir a automedicação, assegurando o uso adequado e seguro de fármacos.

O estudo, denominado "Automedicação na Terceira Idade: Riscos e a Relevância da Enfermagem no Cuidado", tem como objetivo analisar os efeitos do uso inadequado de medicamentos por idosos e refletir sobre o papel da enfermagem na promoção de práticas de uso seguro de medicamentos. Além disso, o estudo visa identificar os fatores que contribuem para essa prática, identificar os riscos associados e propor medidas preventivas que possam ser implementadas pela enfermagem. A questão de pesquisa que orienta este estudo é: Quais são os impactos do uso indiscriminado de medicamentos na saúde da população idosa e como a enfermagem pode atuar na prevenção e no manejo dessa prática?

A pesquisa foi conduzida por meio de uma revisão integrativa da literatura, com levantamento de artigos publicados entre 2019 e 2025, em bases de dados reconhecidas na área da saúde, como SciELO, LILACS, BDNF e Google Acadêmico. O trabalho está estruturado em cinco capítulos: o primeiro apresenta a introdução, com a exposição do tema, objetivos e justificativa; o segundo descreve a metodologia; o terceiro aborda o referencial teórico sobre envelhecimento, automedicação e o papel da enfermagem; o quarto analisa os resultados; e o quinto traz as considerações finais, com sugestões para futuras pesquisas.

2. Metodologia

A presente pesquisa caracteriza-se como uma revisão integrativa da literatura, cujo objetivo foi sistematizar e analisar de forma crítica e reflexiva os estudos disponíveis acerca da automedicação entre idosos, com ênfase na importância do uso racional de medicamentos e no papel da enfermagem na prevenção de riscos associados a essa prática.

O período da pesquisa abrangeu o intervalo de março a setembro de 2025, compreendendo desde o levantamento do referencial teórico até a análise e síntese dos dados extraídos dos artigos selecionados. A revisão foi conduzida de forma virtual, por meio da busca e seleção criteriosa de publicações científicas.

Para a construção do referencial teórico, foram utilizadas as bases de dados SciELO, LILACS, BDNF e Google Acadêmico, amplamente reconhecidas pela abrangência e relevância em pesquisas nas áreas de saúde pública, enfermagem e farmacologia. As buscas foram realizadas utilizando os descritores indexados nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): "automedicação", "idosos", "enfermagem". O recorte temporal foi definido entre os anos de 2019 e 2025, visando garantir a atualidade e relevância das informações selecionadas.

Foram adotados como critérios de inclusão artigos disponíveis na íntegra, escritos em língua portuguesa e inglesa, publicados no período determinado, que abordassem diretamente a automedicação em idosos, incluindo suas causas,

consequências clínicas e estratégias de prevenção, especialmente aquelas relacionadas à atuação da enfermagem. Foram excluídos trabalhos duplicados entre as bases, resumos de eventos, artigos sem foco no tema central ou que não apresentassem metodologia clara e consistente.

Após a aplicação dos critérios, a amostra final consistiu em 34 artigos, escolhidos com base na análise cuidadosa dos títulos, resumos e textos completos. Para análise dos dados, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, permitindo a organização das informações em categorias temáticas que facilitaram a compreensão dos principais aspectos abordados na literatura. As categorias principais adotadas foram: (1) fatores culturais e motivacionais da automedicação em idosos; (2) riscos e consequências clínicas do uso inadequado de medicamentos; e (3) estratégias e recomendações para o papel da enfermagem na orientação e prevenção do uso indevido de medicamentos.

Essa abordagem metodológica possibilitou a construção de um panorama abrangente e fundamentado sobre a prática da automedicação na população idosa, ressaltando a necessidade da intervenção profissional para promover o uso racional de medicamentos e minimizar riscos à saúde.

3. Revisão de literatura

Este capítulo tem como objetivo apresentar uma análise sobre a prática da automedicação na população idosa, abordando seus principais determinantes, riscos e as estratégias preventivas que podem ser adotadas, especialmente com a atuação da enfermagem. Inicialmente, serão discutidos os fatores que contribuem para o aumento da automedicação entre os idosos, como o fácil acesso aos medicamentos, a utilização de receitas antigas, vínculos frágeis com os profissionais de saúde e a baixa escolaridade, conforme apontado por Melo et al. (2019). Também serão discutidas as limitações operacionais e a falta de integração efetiva entre os profissionais de saúde e como dificultam o estabelecimento de uma cultura de cuidado mais responsável e consciente em relação ao uso de medicamentos (Soares et al., 2023). Nesse contexto, a falta de conhecimento sobre os riscos da automedicação favorece a naturalização dessa prática entre os usuários. Por fim, serão propostas medidas educativas e preventivas que podem ser implementadas pelos profissionais de enfermagem, como ações educativas em grupo, visitas domiciliares e uso de recursos visuais, conforme recomendado por Neri et al. (2019) e Santos et al. (2022), para promover o uso racional de medicamentos e melhorar a qualidade de vida dos idosos.

3.1 Identificar os principais fatores que levam idosos à automedicação

Segundo informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2022 o Brasil registrou 32.113.490 pessoas com 60 anos ou mais, o que equivale a 15,6% da população. Esse contingente representa um crescimento de 56,0% em comparação a 2010, quando havia 20.590.597 idosos, correspondendo a 10,8% da população.

Dentre os fatores que explicam essa tendência de automedicação entre idosos, destacam-se o fácil acesso aos medicamentos em farmácias e comércios locais, o uso recorrente de receitas antigas, vínculos frágeis com os profissionais da área, baixa escolaridade que contribui para a limitação do acesso à informação, e a credulidade diante de conselhos de terceiros, como familiares e amigos (Melo et al., 2019).

Vários fatores sociais e econômicos também influenciam a prática da automedicação entre os idosos. Os efeitos econômicos da automedicação são

significativos e abrangentes. Primeiramente, o uso de medicamentos contribui para o aumento dos custos hospitalares, decorrente de reações adversas e intoxicações. Além disso, o consumo inadequado de fármacos provoca desperdício financeiro para as famílias e sobrecarga do sistema de saúde, desviando recursos que poderiam ser investidos na prevenção e no tratamento de doenças (Paula; Campos; Sousa, 2021)

Outro fator que contribui para a prática da automedicação são as experiências prévias percebidas como positivas, bem como as orientações de familiares e amigos, que incentivam o uso de fármacos sem a devida avaliação dos possíveis efeitos adversos cumulativos ou de contraindicações específicas (Divya et al., 2022). Esse comportamento consolida um padrão de autodiagnóstico e autocuidado desprovido de informação adequada, ampliando o risco de desfechos clínicos negativos (Tkachenko et al., 2024). Somando a isso, o uso indiscriminado de medicamentos por parte dos idosos pode estar relacionado a uma falha nos serviços de saúde, como a ausência de orientação adequada sobre o uso de medicamentos, especialmente em unidades de saúde pública, onde a sobrecarga de pacientes dificulta o acompanhamento individualizado (Neri et al., 2019).

A presença de campanhas publicitárias que destacam benefícios de medicamentos, sem alertas proporcionais dos riscos associados, também contribui para o aumento da automedicação entre idosos. Sperling; Fairbanks. (2020) demonstraram que propagandas “direct-to-consumer” influenciam fortemente idosos a aderirem a múltiplos medicamentos sem consciência plena das interações e riscos. Makary. (2025) alerta para a omissão frequente de informações críticas de segurança em anúncios farmacêuticos, reforçando expectativas enganosas. No Brasil, revisão de literatura conduzida por Polidoro; Alves. (2021-2022) evidencia que a desinformação e a falta de orientação profissional agravam esse cenário, resultando em uso de medicamentos com mais riscos do que benefícios (como mostram estudos de medicamentos potencialmente inapropriados em idosos) (JAMDA).

Barreto et al., (2024) realizaram um estudo que analisou a adesão de pacientes idosos polimedicados ao tratamento medicamentoso. Os resultados indicaram que, embora muitos pacientes apresentassem bom nível de informação sobre seus medicamentos, a maioria não seguia corretamente as orientações médicas. Isso sugere que a comunicação eficaz entre profissionais de saúde e pacientes é crucial para melhorar a adesão ao tratamento.

A automedicação inadequada pode levar a efeitos adversos, interações medicamentosas perigosas e até agravar condições de saúde preexistentes. A prática é frequentemente facilitada pelo fácil acesso a medicamentos sem prescrição, recomendações de familiares e amigos, e a influência de propagandas de produtos farmacêuticos. Isso coloca em debate a necessidade de um equilíbrio entre a liberdade do indivíduo em buscar alívio imediato e a supervisão profissional para garantir a segurança no uso de medicamentos. (Rezende; Pinto, 2025).

3.2 Identificar os riscos e consequências do uso indiscriminado de medicamentos na população idosa

O uso excessivo de medicamentos entre a população idosa representa um sério desafio para a saúde pública, afetando direta e negativamente a qualidade de vida, elevando taxas de morbimortalidade e aumentando a complexidade no cuidado prestado pelas equipes de saúde, sobretudo pela enfermagem. Com o avanço da idade, há maior propensão ao surgimento de doenças crônicas e degenerativas entre elas hipertensão, diabetes, enfermidades osteoarticulares, transtornos de humor e do sono o que favorece o uso contínuo de medicações e culmina frequentemente em

polifarmácia. Estima-se polifarmácia quando há uso simultâneo de cinco ou mais medicamentos (Doumat et al. 2023; Seixas, 2021), condição que se associa a maiores riscos de reações adversas, internações e mortalidade (Robinson et al., 2023)

Estudos revelam que a prática da automedicação pode levar a diversos problemas graves para a saúde do idoso, como o mascaramento da apresentação clínica das doenças subjacentes, o aumento da margem de erro nos diagnósticos e a utilização de dosagens inadequadas dos medicamentos. Além disso, o uso inadequado pode provocar o aparecimento de efeitos adversos graves ou até reações alérgicas. O uso indevido de substâncias, especialmente sem supervisão médica, pode resultar em consequências como resistência bacteriana, reações de hipersensibilidade, dependência, sangramentos digestivos, sintomas de abstinência e até aumentar o risco para o desenvolvimento de neoplasias (Melo et al., 2019).

Um dos principais riscos associados ao uso indiscriminado de medicamentos nessa faixa etária é a ocorrência de RAMs. Estudos indicam que os idosos estão mais vulneráveis a essas reações por apresentarem alterações fisiológicas relacionadas ao envelhecimento, como redução da função renal, diminuição do metabolismo hepático, alterações na composição corporal (com redução da massa magra e do volume hídrico) e sensibilidade aumentada aos fármacos." (McGettigan et al., 2024; Dagnew et al., 2024).

A automedicação entre idosos frequentemente está associada à tentativa de alívio imediato de sintomas como dor, insônia, constipação intestinal ou desconfortos gastrointestinais. No entanto, o uso repetido de medicamentos sem avaliação adequada das causas subjacentes desses sintomas, podem mascarar condições mais graves, atrasar diagnósticos precoces e comprometer a eficácia de tratamentos médicos. Estudos recentes demonstram que benzodiazepínicos mantidos por longos períodos entre idosos têm elevada probabilidade de dependência, com prejuízos cognitivos e risco de quedas (Victorri-Vigneau et al., 2020; Lukačilinová et al., 2024). Além disso, o uso prolongado e descontrolado de AINEs em pacientes idosos está associado ao declínio da função renal, eventos adversos gastrointestinais e cardiovasculares, reforçando a necessidade de dosagem mínima, curtos períodos de uso e supervisão clínica (Bonet-Monné et al., 2024). O uso de opioides para dor sem monitoramento claro também tem sido identificado como fator de risco para mortalidade aumentada, especialmente em populações vulneráveis (Bromley et al., 2023).

O uso indiscriminado de medicamentos analgésicos, anti-inflamatórios e antitérmicos entre idosos pode acarretar consequências sérias, sobretudo quando feitos de forma contínua e sem orientação médica. Por exemplo, estudos recentes apontam que o uso persistente de analgésicos e antipiréticos em pessoas idosas está associado à piora da função física e aumento de risco de efeitos adversos (Tevik et al., 2021). No caso de dores de cabeça e enxaquecas, há evidências de abuso de analgésicos, compulsão e cronificação dos sintomas quando as alternativas paliativas não são exploradas (Braz et al., 2024). O uso prolongado de benzodiazepínicos ou ansiolíticos também demonstra risco de dependência, prejuízos cognitivos e impacto negativo na qualidade de vida (Kralj, Šolić e Lovrić, 2022). Quanto aos anti-inflamatórios e aspirina, um estudo do ASPREE Trial indica que idosos que utilizam aspirina diariamente têm risco significativamente maior de sangramento gastrointestinal grave, mesmo em doses baixas, especialmente em presença de fatores de risco como hipertensão ou função renal comprometida (Mahady et al., 2021).

Nesse sentido, é fundamental que a enfermagem assuma um papel ativo na educação em saúde, atuando não apenas no acompanhamento da administração dos medicamentos prescritos, mas também na promoção do uso racional de medicamentos. O enfermeiro deve estar atento às particularidades do paciente idoso, avaliando com sensibilidade sua condição clínica, seu histórico farmacológico e seu entendimento sobre o uso dos fármacos. Cabe também ao profissional identificar sinais de automedicação e intervir por meio de orientações, construção de vínculos com os pacientes e familiares, além de práticas educativas continuadas que valorizem a escuta ativa e o empoderamento do idoso em relação ao seu autocuidado (Neri et al., 2019).

3.3 Propor medidas educativas e preventivas para reduzir a automedicação na terceira idade, com atuação da enfermagem

De acordo com Neri et al. (2019), é essencial que as ações educativas voltadas para a redução da automedicação considerem o nível de escolaridade e cognição dos idosos, utilizando uma linguagem acessível e recursos visuais que facilitem a compreensão. Nesse contexto, a atualização constante das equipes de saúde sobre os princípios do uso racional de medicamentos, como apontado por Santos et al. (2022), fortalece a capacidade dos serviços de saúde em identificar situações de risco, orientar eficazmente e implementar medidas preventivas adaptadas às necessidades de cada idoso. A atuação do enfermeiro é crucial nesse processo, tanto no planejamento quanto na execução das atividades educativas, assegurando que o cuidado seja humanizado e integral.

Outra medida preventiva essencial é o fortalecimento do vínculo entre profissionais de saúde e idosos. Quando há confiança, os pacientes tendem a relatar com mais clareza os medicamentos que utilizam por conta própria, permitindo que orientações e correções adequadas sejam realizadas. Estudos recentes apontam que práticas como escuta ativa, acolhimento e participação do idoso na gestão de sua farmacoterapia favorecem a valorização de sua autonomia e aumentam a segurança do uso de medicamentos (Lin et al., 2024).

Dado o crescente número de idosos que praticam a automedicação e os riscos associados a esse comportamento, é imprescindível que sejam implementadas medidas de intervenção. O profissional de enfermagem tem um papel fundamental na promoção de ações educativas, esclarecendo aos idosos os potenciais danos dessa prática. Com a orientação adequada, a população idosa estará mais consciente do papel dos medicamentos e de como fazer um uso racional, diminuindo os riscos à saúde. É necessário que a equipe de enfermagem transforme as soluções propostas em ações práticas de educação e informação, visto que, como demonstrado neste trabalho, a automedicação está frequentemente relacionada à falta de informações (Neri et al., 2019).

A prática da automedicação tem crescido significativamente entre os idosos, que, devido ao aumento de doenças crônicas não transmissíveis, tornam-se mais suscetíveis ao uso irregular de medicamentos em busca de alívio imediato para sintomas diversos. Essa prática é amplamente influenciada pelo mercado de saúde e pela mídia, que frequentemente promovem medicamentos sem alertar adequadamente para os riscos associados. Consequentemente, a automedicação tem gerado diversos problemas de saúde, como intoxicações, mascaramento de diagnósticos, interações medicamentosas com exacerbações agudas e resistência a patógenos, resultando em novos danos à saúde do indivíduo e, consequentemente, em maiores demandas por serviços de saúde e custos elevados. Por ser uma prática

prevenível, é necessário um enfoque na prevenção primária, por meio de um processo educativo que promova o uso racional de medicamentos. Essa função é responsabilidade de todos os profissionais de saúde, especialmente dos prescritores e farmacêuticos (Rezende e Pinto, 2023; Rocha et al., 2022).

Além disso, diversas estratégias têm sido implementadas por profissionais de enfermagem para prevenir a automedicação entre os idosos, conforme descrito por Santos et al. (2022) e Neri et al. (2019).

A Tabela 1 resume algumas dessas intervenções, evidenciando o papel proativo da enfermagem na promoção do uso racional de medicamentos.

Tabela 1 – Propostas de intervenções para a enfermagem

Estratégia	Descrição
<ul style="list-style-type: none"> • Ações educativas em grupo 	<ul style="list-style-type: none"> • Roda de conversa, oficinas e palestras sobre riscos da automedicação.
<ul style="list-style-type: none"> • Acompanhamento sistemático 	<ul style="list-style-type: none"> • Visitas domiciliares e acompanhamento de uso de medicamentos.
<ul style="list-style-type: none"> • Construção de plano terapêutico 	<ul style="list-style-type: none"> • Participação ativa da enfermagem na organização do esquema medicamentoso.
<ul style="list-style-type: none"> • Uso de recursos visuais e lúdicos 	<ul style="list-style-type: none"> • Cartilhas ilustradas, vídeos educativos, e lembretes visuais.
<ul style="list-style-type: none"> • Capacitação da equipe multiprofissional 	<ul style="list-style-type: none"> • Atualização constante sobre interações medicamentosas e cuidados.

Fonte: Adaptado de NERI *et al.* (2019).

4. Resultados

Autor	Ano	Riscos da Automedicação em Idosos	A importância da Enfermagem no cuidado	Conclusão
Chaimowicz & Chaimowicz	2022	O envelhecimento populacional aumenta doenças crônicas, exigindo uso contínuo de fármacos e maior risco de automedicação.	A enfermagem deve atuar na educação em saúde e monitoramento de uso de medicamentos.	Ressaltam que a transição demográfica intensifica os riscos da automedicação.
Martins et al.	2021	Maior prevalência de doenças crônicas e internações prolongadas eleva risco de polifarmácia.	O enfermeiro é essencial para reduzir riscos decorrentes do uso simultâneo de vários medicamentos.	O envelhecimento associado a comorbidades favorece automedicação e complicações.
Melo et al.	2019	Idosos são o grupo mais exposto à polifarmácia e automedicação, devido ao desconhecimento das alterações fisiológicas.	O enfermeiro deve orientar sobre farmacocinética/farmacodinâmica no envelhecimento.	Definem a automedicação como prática de risco acentuada em idosos.
Rezende et al.	2023	Automedicação pode gerar efeitos leves, moderados	Atuação da enfermagem para prevenir uso indevido de analgésicos e AINEs.	Necessidade de conscientização sobre riscos e

		e graves, agravados pela redução da função hepática e renal.		educação em saúde.
Paula; Campos; Sousa	2021	Uso irracional de medicamentos gera desperdício e risco de reações adversas, influenciado por fatores culturais e mídia.	Enfermagem deve atuar como educadora em saúde.	Reforçam vulnerabilidade dos idosos e impacto socioeconômico.
Soares et al.	2023	Precariedade do SUS favorece automedicação como alternativa ao acesso insuficiente.	Enfermeiros podem suprir lacunas com orientação e acompanhamento.	Falhas no sistema público aumentam a automedicação entre idosos.
Barreto et al.	2024	Polifarmácia associada a falhas na adesão e reações adversas.	Enfermagem pode ajudar na adesão e no uso racional dos fármacos.	Reforça a necessidade de comunicação clara profissional-paciente.
Ohta; Ryu; Sano	2022	Polifarmácia amplia risco de RAMs devido às alterações fisiológicas do envelhecimento.	Educação e orientação podem reduzir complicações.	Mesmo consciente, automedicação requer acompanhamento.
Rafati et al.	2023	Prevalência de automedicação em idosos é de 36%, sobretudo com analgésicos e AINEs.	A enfermagem tem papel em ações educativas preventivas.	Destacam alta frequência e necessidade de políticas de prevenção.
Rezende; Pinto	2025	Automedicação agrava doenças crônicas e sobrecarrega o sistema de saúde.	Enfermagem e políticas públicas são fundamentais na prevenção.	É preciso ampliar a conscientização e ações educativas.
Lin et al.	2024	Risco durante a transição hospital-domicílio sem monitoramento adequado.	Enfermagem deve apoiar a autogestão segura dos medicamentos.	A segurança medicamentosa exige participação ativa do idoso e equipe.
Rocha et al.	2024	Automedicação impacta negativamente a saúde e eleva custos.	Enfermagem e farmacêuticos devem orientar sobre riscos.	Educação em saúde é essencial para reduzir a prática.
Tevik et al.	2021	Uso persistente de analgésicos em idosos piora função física e aumenta eventos adversos.	Enfermeiro deve orientar sobre alternativas e monitorar uso.	Automedicação com analgésicos deve ser acompanhada por profissionais.
Braz et al.	2024	Abuso de analgésicos pode cronificar sintomas	Orientação de enfermagem é necessária para manejo seguro da dor.	Ressaltam riscos da automedicação em dores crônicas.

		de dor e causar dependência.		
Bonet-Monné et al.	2024	Uso prolongado de AINEs está associado ao declínio da função renal, além de eventos adversos gastrointestinais e cardiovasculares.	A enfermagem deve orientar sobre o tempo adequado de uso e monitorar sinais de toxicidade.	O uso deve ser restrito a períodos curtos e sob supervisão profissional.
Victorri-Vigneau et al.	2020	Uso contínuo de benzodiazepínicos em idosos aumenta risco de dependência, prejuízos cognitivos e quedas.	Enfermagem deve identificar sinais de dependência e orientar sobre alternativas seguras.	Destacam necessidade de reduzir uso indiscriminado desses medicamentos.
Braz et al.	2024	Automedicação com analgésicos pode gerar compulsão, cronificação da dor e prejuízo da qualidade de vida.	O enfermeiro pode atuar na educação em saúde sobre alternativas de manejo da dor.	Reforça os riscos do abuso de analgésicos e necessidade de acompanhamento.
McGettigan et al.	2024	Pacientes idosos polimedicados apresentam maior vulnerabilidade a reações adversas medicamentosas.	A enfermagem deve identificar sinais precoces de reações adversas a medicamentos e educar pacientes e familiares.	Ressalta a importância da prevenção e vigilância clínica em idosos.
Rezende & Pinto	2025	Automedicação é crescente e agrava doenças crônicas, sobrecarregando o sistema de saúde.	Enfermagem deve atuar com medidas educativas e preventivas, junto com políticas públicas.	É essencial ampliar a conscientização e promover uso racional de medicamentos.

5. Discussão

Chaimowicz e Chaimowicz (2022) ressaltam que o envelhecimento populacional brasileiro é consequência direta das transformações demográficas ocorridas no último século, marcadas pela queda das taxas de fecundidade e mortalidade, especialmente infantil, além do aumento da expectativa de vida. Nesse contexto, Martins et al. (2021) destacam que o aumento da longevidade mundial esteve acompanhado de mudanças nos padrões de morbimortalidade, caracterizando a transição epidemiológica, na qual doenças crônicas, como hipertensão, diabetes e cardiopatias, tornam-se mais prevalentes entre idosos.

Neri et al. (2019) observam que mudanças na qualidade de vida, saúde, padrões de consumo e comportamento relacionados à fecundidade e mortalidade no último século contribuíram para o aumento da longevidade, sendo o Brasil considerado estruturalmente envelhecido, com os idosos correspondendo a 10,7% da população. De forma complementar, Rezende et al. (2023) afirmam que a automedicação tem se tornado bastante comum, podendo gerar efeitos leves, moderados e graves, principalmente em idosos, devido à diminuição da função hepática e renal e ao mascaramento de sintomas de doenças potencialmente fatais nessa faixa etária.

Melo et al. (2019) definem a automedicação como o consumo de medicamentos sem orientação ou prescrição de um profissional de saúde, sendo o próprio paciente responsável pela escolha do fármaco. Os autores destacam que os idosos são o grupo mais exposto à polifarmácia, aumentando sua vulnerabilidade às consequências da automedicação, devido ao desconhecimento das alterações fisiológicas do envelhecimento que interferem nas propriedades farmacocinéticas e farmacodinâmicas dos medicamentos. Corroborando essa perspectiva, Soares et al. (2023) ressaltam que a precariedade da saúde pública no Brasil, mesmo com os avanços promovidos pelo SUS, dificulta o acesso contínuo e adequado aos serviços de saúde, levando muitos idosos a recorrerem à automedicação como alternativa.

Paula; Campos; Sousa (2021) destacam que o uso irracional de medicamentos representa um grande desafio para os sistemas de saúde, podendo acarretar problemas de saúde, colocar pacientes em risco e resultar no desperdício de recursos, sendo impulsionado por fatores como acesso limitado a informações confiáveis, diagnóstico incompleto e influências da mídia e da indústria farmacêutica. Nesse contexto, observa-se que a população idosa está particularmente vulnerável a essas práticas. Nesse sentido, Neri et al. (2019) reforçam que as alterações fisiológicas naturais do envelhecimento impactam diretamente a farmacocinética e a farmacodinâmica dos fármacos, tornando os idosos mais suscetíveis a interações medicamentosas perigosas e evidenciando a necessidade da atuação da enfermagem para orientação adequada.

Barreto et al. (2024) destacam que pessoas idosas com múltiplas comorbidades frequentemente recebem diversas prescrições terapêuticas, sendo a prática da polifarmácia, definida como o uso de cinco ou mais medicamentos, associada à prevalência de reações adversas, interações medicamentosas e falha na adesão à terapia. Além disso, Ohta et al. (2022) complementam que a polifarmácia em idosos aumenta significativamente o risco de efeitos adversos, intensificados pelas alterações fisiológicas do envelhecimento, como a diminuição da função renal e hepática.

Rafati et al. (2023) destacam que a automedicação é uma prática significativa entre os idosos, atingindo 36% dessa população, sendo os analgésicos, anti-inflamatórios não esteroides, vitaminas e medicamentos para diabetes e hiperlipidemia os mais utilizados. De maneira similar, Rezende; Pinto (2025) evidenciam que a automedicação constitui um fenômeno crescente na população brasileira, sendo especialmente relevante entre idosos e pessoas com doenças crônicas, e que a prática sem orientação profissional pode agravar condições médicas, sobrecarregando o sistema de saúde.

Lin et al. (2024) destacam que a participação do idoso na segurança medicamentosa envolve a tomada de decisões sobre medicamentos, a autogestão do uso medicamentoso e o suporte durante a transição do hospital para casa, sendo essencial a atenção aos papéis de pacientes, equipe médica e familiares. Por sua vez, Ohta et al. (2022) observam que, em contextos rurais com escassez de recursos de saúde, a automedicação consciente e informada pode melhorar a percepção de qualidade de vida dos idosos, desde que associada a educação adequada sobre riscos e benefícios. De acordo com Rezende; Pinto (2025), a automedicação entre idosos é uma prática disseminada que representa riscos à saúde, sendo necessário ampliar a conscientização sobre seus perigos e implementar políticas públicas de educação em saúde para reduzir essa prática. Nesse sentido, Rocha et al. (2024) ressaltam que a atuação de profissionais de saúde, especialmente farmacêuticos, é

essencial para orientar e monitorar o uso de medicamentos, promovendo práticas mais seguras de automedicação e garantindo um uso racional dos fármacos.

A dor é um sintoma comum em idosos, com prevalência estimada entre 40% e 72% nos adultos mais velhos, e sua avaliação adequada é frequentemente dificultada em indivíduos com demência devido a problemas de memória e comunicação (Tevik et al., 2021). Por outro lado, a dor crônica impacta significativamente a qualidade de vida, gerando custos financeiros e sociais, além de sofrimento individual, sendo necessária a investigação constante de sua prevalência e mecanismos envolvidos (Braz et al., 2024). Considerando que a automedicação em idosos pode mascarar sintomas de dor ou agravar condições clínicas, medidas educativas e preventivas promovidas por profissionais de saúde, incluindo a enfermagem, tornam-se essenciais para orientar sobre o uso seguro de analgésicos e monitorar efeitos adversos.

6. Conclusão

Em virtude dos fatos mencionados, este estudo teve como principal objetivo analisar os riscos associados ao uso indiscriminado de medicamentos entre a população idosa e refletir sobre o papel da enfermagem na promoção de práticas seguras de medicação. Ao longo da pesquisa, foi possível constatar que a automedicação é um comportamento comum entre os idosos, principalmente devido a fatores como a falta de orientação médica adequada, o fácil acesso a medicamentos e a escassez de informações claras sobre os riscos envolvidos.

A hipótese de que a automedicação entre os idosos resulta em sérios riscos à saúde foi confirmada, uma vez que a análise dos dados mostrou que o uso inadequado de medicamentos pode levar a complicações graves, como interações medicamentosas perigosas, agravamento de doenças preexistentes e aumento da taxa de internações hospitalares. Assim, o objetivo geral foi alcançado, pois o estudo proporcionou uma compreensão abrangente dos fatores que contribuem para a automedicação e destacou a importância da intervenção profissional da enfermagem.

Os objetivos específicos também foram cumpridos, especialmente no que se refere à análise dos fatores sociais, culturais e econômicos que influenciam a prática da automedicação, bem como à proposição de medidas educativas e preventivas que podem ser adotadas pela enfermagem. A educação em saúde, a comunicação eficaz com os idosos e o fortalecimento do vínculo entre os profissionais de saúde e os pacientes foram destacados como estratégias fundamentais para reduzir os riscos associados à automedicação.

Levando-se em consideração esses aspectos, sugere-se que os profissionais de enfermagem adotem abordagens mais proativas, incluindo ações educativas contínuas, visitas domiciliares e o uso de recursos visuais para esclarecer os riscos da automedicação e promover o uso racional de medicamentos. Além disso, é fundamental que as políticas públicas de saúde se atentem à necessidade de formação contínua dos profissionais de saúde sobre o tema, além de garantir que os idosos tenham acesso adequado à informação e ao cuidado de saúde.

Por todos esses aspectos, conclui-se que a atuação da enfermagem é crucial na redução dos riscos associados à automedicação entre os idosos, e que a implementação de ações educativas pode promover uma mudança significativa na saúde dessa população. Caso outras pessoas queiram implantar ações semelhantes em suas atividades profissionais, é importante que estas considerem a realidade e as necessidades específicas de cada comunidade, adaptando as estratégias conforme o perfil da população idosa atendida.

Referências

BARRETO, Elaine Soares et al. Adesão de pacientes idosos polimedicados: como eles se comportam frente à tomada de medicamentos. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, [S.L.], v. 27, 2024. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562024027.230211.pt>. Acesso em: 13 set. 2025.

BONET-MONNÉ, Sara et al. NSAIDs, analgesics, antiplatelet drugs, and decline in renal function: a retrospective case-control study with sidiap database. **Bmc Pharmacology and Toxicology**, [S.L.], v. 25, n. 1, p. 58-68, 28 ago. 2024. Springer Science and Business Media LLC. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1186/s40360-024-00771-5>. Acesso em: 12 set. 2025.

BRAZ, Ana Carolina Monteiro et al. Prevalência de compulsão em migranosos e sua associação com uso excessivo de analgesia. **Headache Medicine**, [S.L.], v. 15, n. 2, p. 92-97, 29 jun. 2024. Headache Medicine. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.48208/headachemed.2024.19>. Acesso em: 11 set. 2025.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Insumos Estratégicos em Saúde**. Contribuições para a promoção do Uso Racional de Medicamentos. Brasília: Ministério da Saúde, p. 154-155, 2021.

BROMLEY, Morgan I. et al. Burden of Chronic and Heavy Opioid Use Among Elderly Community Dwellers in the U.S. **Ajpm Focus**, [S.L.], v. 3, n. 2, p. 100175, abr. 2024. Elsevier BV. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.focus.2023.100175>. Acesso em: 12 set. 2025.

CHAIMOWICZ, F.; DE FARIA CHAIMOWICZ, G. O envelhecimento populacional brasileiro. **PISTA: Periódico Interdisciplinar** [Sociedade Tecnologia Ambiente]. v. 4, n. 2, p. 6-26, 2022. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/pista/article/view/29830>. Acesso em: 13 de set de 2025.

DAGNEW, Samuel Berihun. et al. Adverse drug reactions and its associated factors among geriatric hospitalized patients at selected comprehensive specialized hospitals of the Amhara Region, Ethiopia: a multicenter prospective cohort study. **Bmc Geriatrics**, [S.L.], v. 24, n. 1, p. 1-13, 16 nov. 2024. Springer Science and Business Media LLC. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1186/s12877-024-05515-y>. Acesso em: 10 set. 2025.

DIVYA, A. R, et al. study on the dispensing pattern of OTC medications in community pharmacies: generic versus non-generic drugs. **International Journal of Research in Pharmaceutical Sciences**, v. 11, supl. 4, p. 1071–1079, 2020.

DOUMAT, George et al. The effect of polypharmacy on healthcare services utilization in older adults with comorbidities: a retrospective cohort study. **Bmc Primary Care**, [S.L.], v. 24, n. 1, p. 120, 26 maio 2023. Springer Science and Business Media LLC. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1186/s12875-023-02070-0>. Acesso em: 10 set. 2025.

FOLHA DE S. PAULO. Remédios de uso frequente podem oferecer riscos na terceira idade, diz estudo. Folha de S. Paulo, São Paulo, 02 dez. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2024/12/remedios-de-uso-frequente-podem-oferecer-riscos-na-terceira-idade-diz-estudo.shtml>. Acesso em: 13 set. 2025.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Picos: dados sociodemográficos e econômicos.** Internet. Piauí, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/picos/panorama>. Acesso em: 13 set. 2025.

KRALJ, Mirjana; IOLIĆ, Krešimir; LOVRIĆ, Robert. The (Mis)use of Psychotropic Drugs and Addiction to Anxiolytics among Older Adults Living at Home or in Retirement Homes: implications for quality of life. **Healthcare**, [S.L.], v. 11, n. 21, p. 2908, 6 nov. 2023. MDPI AG. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3390/healthcare11212908>. Acesso em: 9 set. 2025.

LIMA, M. G. et al. Indicators related to the rational use of medicines and its associated factors. **Revista de Saúde Pública**, [S.L.], v. 51, p. 23-32, 22 set. 2017. Universidade de Sao Paulo, Agencia USP de Gestao da Informacao Academica (AGUIA). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/s1518-8787.2017051007137>. Acesso em: 5 abr. 2025.

LIN, Xiaoyan; XU, Weixi; LIN, Ting. Participation in medication safety of older-adult patients with chronic disease during the transition from hospital to home: a descriptive qualitative study. **Bmc Geriatrics**, [S.L.], v. 24, n. 1, p. 877, 25 out. 2024. Springer Science and Business Media LLC. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1186/s12877-024-05468-2>. Acesso em: 13 set. 2025.

LUKAČIČINOVÁ, Anna et al. Prevalence, country-specific prescribing patterns and determinants of benzodiazepine use in community-residing older adults in 7 European countries. **Bmc Geriatrics**, [S.L.], v. 24, n. 1, p. 240-253, 7 mar. 2024. Springer Science and Business Media LLC. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1186/s12877-024-04742-7>. Acesso em: 12 set. 2025.

MAHADY, Suzanne, et al. Major GI bleeding in older persons using aspirin: incidence and risk factors in the asprex randomised controlled trial. **Gut**, [S.L.], v. 70, n. 4, p. 717-724, 3 ago. 2020. BMJ. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1136/gutjnl-2020-321585>. Acesso em: 8 set. 2025.

Makary MA. The FDA's Overdue Crackdown on Misleading Pharmaceutical Advertisements. **JAMA**. Published online September 12, 2025.

MCGETTIGAN, Siobhán; CURTIN, Denis; O'MAHONY, Denis. Adverse Drug Reactions in Multimorbid Older People Exposed to Polypharmacy: epidemiology and prevention. **Pharmacoepidemiology**, [S.L.], v. 3, n. 2, p. 208-222, 30 abr. 2024. MDPI AG. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3390/pharma3020013>. Acesso em: 12 set. 2025.

MELO, W. S. et al. Prevalência de automedicação entre idosos acolhidos em um centro-dia. **Revista Enfermagem Atual in Derme**, [S.L.], v. 88, n. 26, p. 26-88, 7 ago. 2019. Revista Enfermagem Atual. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.31011/reaid-2019-v.88-n.26-art.44>. Acesso em: 15 abr. 2025.

NERI, V. K. M. et al. Intervenções de enfermagem no combate da automedicação em idosos. In: Congresso Internacional de Envelhecimento Humano. **Anais [...]** Campina Grande. Realize. 2019 p 6. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/53754>. Acesso em: 12 abr. 2025.

PAULA, C. C. da S.; CAMPOS, R. B. F.; DE SOUZA, M. C. R. F. Uso irracional de medicamentos: uma perspectiva cultural. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 3, p. 21660–21676, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/25683>. Acesso em: 13 set. 2025.

POLIDORO, Tâmil; ALVES FILHO, José Roberto. **Automedicação entre idosos e a importância do profissional farmacêutico: revisão de literatura**. Research, Society and Development, [S.L.], v. 11, n. 15, p. 0-10, 10 nov. 2022. Research, Society and Development. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i15.36903>. Acesso em: 14 set. 2025.

RAFATI, S. et al. Prevalence of self-medication among the elderly: a systematic review and meta-analysis. **Journal Of Education and Health Promotion**, [S.L.], v. 12, n. 1, p. 1-10, fev. 2023. Medknow. Disponível em: http://dx.doi.org/10.4103/jehp.jehp_630_22. Acesso em: 17 maio 2025.

REZENDE, G. O. et al. Risco da Automedicação em Idosos: fatores de riscos e prevenção do uso de anti-inflamatório e analgésicos. **Revista Foco**, [S.L.], v. 16, n. 11, p. 3270-3288, 3 nov. 2023. Brazilian Journals. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.54751/revistafoco.v16n11-011>. Acesso em: 12 abr. 2025.

REZENDE, Gabriela Silva; PINTO, Jader Camilo. Automedicação e seus impactos na saúde pública do Brasil. **Research, Society And Development**, [S.L.], v. 14, n. 5, p. 1-9, 9 maio 2025. Research, Society and Development. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v14i5.48627>. Acesso em: 14 set. 2025.

ROCHA, Maria Vitória Ideão Leite da, et al. Impactos da automedicação em idosos: papel do farmacêutico na gestão de riscos. **Brazilian Journal of Health Review**, [S.L.], v. 7, n. 4, p. 72322, 28 ago. 2024. South Florida Publishing LLC. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.34119/bjhrv7n4-447>. Acesso em: 11 set. 2025.

ROBINSON, Michael, et al. Polypharmacy in older patients presenting to a tertiary regional health service: identifying correlations between demographics, presentations and length of stay. **Internal Medicine Journal**, [S.L.], v. 53, n. 12, p. 2336-2340, dez. 2023. Wiley. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1111/imj.16291>. Acesso em: 14 set. 2025.

SANTOS, W. V. et al. O papel da enfermagem frente à assistência de mulheres portadoras de endometriose e percepção das pacientes acometidas: uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde/Brazilian Journal Of Health Research**, [S.L.], v. 24, n. 1, p. 159-172, 7 dez. 2022. Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.47456/rbps.v24i1.37476>. Acesso em: 10 maio 2025.

SEIXAS, Brayan V.; FREITAS, Gabriel R. Polypharmacy among older Brazilians: prevalence, factors associated, and sociodemographic disparities (elsi-brazil). **Pharmacy Practice**, [S.L.], v. 19, n. 1, p. 2168, 22 jan. 2021. JCFCorp SG PTE LTD. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18549/pharmpract.2021.1.2168>. Acesso em: 10 set. 2025.

SOARES, Patrícia dos Santos Lopes et al. A Precariedade Da Saúde Pública No Brasil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, p. 17-61, 2023.

SPERLING, Linda; FAIRBANKS, Martine B. Polypharmacy and the senior citizen: the influence of direct-to-consumer advertising. **Journal Of Gerontology And Geriatrics**, [S.L.], v. 69, n. 1, p. 19-25, dez. 2020. Pacini Editore. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.36150/2499-6564-447>. Acesso em: 7 set. 2025.

TEVIK, Kjerstin et al. Prevalence and persistent use of analgesic drugs in older adults receiving domiciliary care at baseline - A longitudinal study. **Health Science Reports**, [S.L.], v. 4, n. 3, p. 316, jul. 2021. Wiley. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1002/hsr2.316>. Acesso em: 7 set. 2025.

TKACHENKO, N. O et al. Research on current issues of self-medication among young people. **Current Issues in Pharmacy and Medicine: Science and Practice**, v. 17, n. 3, p. 267–272, 2024.

VICTORRI-VIGNEAU, Caroline; LAFORGUE, Edouard-Jules; GRALL-BRONNEC, Marie; GUILLOU-LANDREAT, Morgane; ROUSSELET, Morgane; GUERLAIS, Marylène; FEUILLET, Fanny; JOLLIET, Pascale. Are Seniors Dependent on Benzodiazepines? A National Clinical Survey of Substance Use Disorder. **Clinical Pharmacology & Therapeutics**, [S.L.], v. 109, n. 2, p. 528-535, 23 set. 2020. Wiley. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1002/cpt.2025>. Acesso em: 14 set. 2025.